

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

FACHS Faculdade de ciências humanas e da saúde
Curso de Psicologia

Vivian Lasagno Zaratin

O tédio na Época da Técnica Planetária: Um estudo a partir das
contribuições de Martin Heidegger e interlocuções.

São Paulo -SP
2019

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

FACHS Faculdade de ciências humanas e da saúde
Curso de Psicologia

Vivian Lasagno Zaratin

O tédio na Época da Técnica Planetária: Um estudo a partir das
contribuições de Martin Heidegger e interlocuções.

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como exigência parcial para
aprovação no curso de Psicologia na PUC –
São Paulo, orientado pelo Prof.º Dr. º
Marcos Oreste Colpo.

São Paulo -SP
2019

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador Marcos, que foi o meu primeiro professor de Fenomenologia no primeiro ano da faculdade, e que despertou em mim, o interesse e a posterior paixão pelos estudos da Fenomenologia existencial.

Ao professor Marcelo Sodelli que também me despertou a paixão pelos estudos em fenomenologia, principalmente com o grupo de estudos em Ser e Tempo de Martin Heidegger e as compreensões na clínica psicológica.

Ambos professores acima me despertaram um olhar íntimo e compreensivo dos fenômenos e sofrimentos humanos, através das aulas, ensinamentos e conversas, e que não vou esquecer, levo comigo como pessoa e futura psicóloga.

A todos os meus amigos que me acompanharam ao longo da minha graduação, me ajudando na construção de um olhar mais crítico, maduro e humano sobre a existência e sobre o outro. A todas as risadas, ajudas, acolhimento e profundas conversas e reflexões que juntos tornaram essa autêntica vivência inesquecível e a melhor que poderia ter.

Essa ausência de uma opressividade essencial no *Dasein* é o vazio como um todo, de modo que ninguém se aproxima de ninguém, e nenhuma comunidade se aproxima de outra na unidade plena de raízes de um agir essencial. Todos nós, sem exceção, somos servos de slogans, aderimos a programas, mas ninguém é o guardião da grandeza interior do *Dasein* e de suas necessidades (*Bedrängnis*). Esse deixar vazio (*Leergelassenheit*) repercute finalmente em nosso *Dasein*, seu vazio é ausência de qualquer opressão essencial. Falta mistério a nosso *Dasein*, e, assim, o terror interior que cada mistério carrega consigo, e que confere ao *Dasein* sua grandeza, permanece ausente

(Svendsen, 2006, p.138)

RESUMO

O tédio na Época da Técnica Planetária: Um estudo a partir das contribuições de Martin Heidegger e interlocuções.

Aluna: Vivian Lasagno Zaratin

Orientador: Prof.º Dr.º Marcos Oreste Colpo

2019

O presente estudo bibliográfico tem como objetivo compreender o fenômeno do tédio na Era da técnica através de Martin Heidegger. Através de um resgate da história do ser e como este foi sendo interpretado ao longo da história da filosofia, é possível compreender as implicações do que Heidegger nomeia como Era da técnica. Além disso, as implicações dessa temporaneidade nos modos de ser do Dasein no mundo são atravessados por tramas sedimentadas de um mundo técnico e onde o tédio se coloca como uma tonalidade afetiva fundamental da contemporaneidade. Desta forma, o trabalho também busca refletir sobre a importância do desvelar desse tédio na Daseinsanalyse e suas possíveis implicações no mundo técnico.

Palavras – chave: Fenomenologia, tédio, Era da técnica, Daseinsanalyse.

SUMÁRIO

Introdução	1
Metodologia	6
Capítulo I – A Era da técnica Planetária e História do Ser.....	8
Capítulo II – As diferentes formas do tédio segundo Martin Heidegger	15
Capítulo III – Tédio e Daseinsanalyse.....	21
Considerações finais	33
Referências bibliográficas	35

INTRODUÇÃO

Ao expor meu tema e interesse de estudo como o tédio na era da técnica juntamente com a abordagem da Fenomenologia existencial de Martin Heidegger, é possível me aprofundar e refletir sobre a contemporaneidade e as questões relativas a essa temporalidade, buscando trazer para a psicologia o olhar clínico e ôntico de tal fenômeno através da Daseinsanalyse.

Ao longo da minha graduação de psicologia, os estudos da era da técnica realizados em segundo Heidegger não são tão aprofundados como os relativos ao primeiro Heidegger como na sua obra principal *Ser e Tempo* (1930), o que levou também a despertar o interesse pelo tema, além de ser uma questão relativa ao momento em que vivemos.

Dentro desse contexto, irei fazer uma revisão bibliográfica sobre o tema acima apresentado resgatando autores que estudaram o tema e interlocuções.

Para dar início ao tema que será estudado primeiramente irei contextualizar a era da técnica, depois brevemente explicitar sobre o tédio como uma tonalidade afetiva fundamental da contemporaneidade e resgatar a importância de tal estudo no campo da psicologia clínica.

Giberti (2018) explicita a Era da técnica como um horizonte histórico contemporâneo no qual o Dasein é atravessado constantemente por uma ocupação da funcionalidade produtiva do mundo contemporâneo, através de uma direção desveladora de um ente a ser dominado e através de um movimento de provocação e armação.

Além disso, Giberti (2018) ressalta uma importante característica da era da técnica que seria o predomínio do pensamento calculante, que se desvela através de uma busca pelo controle dos entes, como uma forma de atitude característica da contemporaneidade e como um predomínio de um modo de pensar metafísico. Giberti (2018) cita Haar em: “O cálculo não se limita apenas à reflexão ou à habilidade, mas se torna uma atitude, em que as ações são organizadas e planejadas” (Haar, 1997, apud Giberti, p.24). Ainda, tal modo de pensar coloca em esquecimento o pensamento meditativo, aquele que é potencialmente questionador e não reproduzidor de uma lógica positivista.

Giberti (2018) também evidencia a importância do estudo do Capitalismo e da ciência para melhor compreensão do fenômeno da Era da técnica. Neste trabalho, buscarei trazer o Capitalismo como trama sedimentada do mundo contemporâneo e sua relação com a afinação do ser-aí ao tédio. A ciência também é colocada como importante para

Giberti (2018) para um melhor entendimento desse horizonte histórico. Para tal, irei resgatar a História do Ser com o objetivo de esclarecer como o ‘Ser’ foi sendo interpretado ao longo da história da filosofia e de certa forma, um paralelo com a evolução de um pensamento cada vez mais positivista e metafísico, que sustenta a ciência. Giberti (2018) diz que a ciência moderna e os seus desdobramentos do Capitalismo têm a ambição de dominar a natureza e subordiná-la às necessidades do humanas, no qual Heidegger vai denominar como um movimento característico chamado de provocação e armação (Gestell) e no qual eu irei explicar nos capítulos seguintes. Como Casanova (2006) diz: “De início e na maioria das vezes, os seres-aí em geral se movimentam no mundo da técnica a partir de uma articulação essencial com a provocação que transforma o todo em fundo de reserva e com a subsunção de si mesmo ao aparato da armação” (p. 163).

Além disso, na maioria das vezes, a Era da técnica leva o ser-aí ao predomínio de um estar no mundo e um pensar que se desvela no sentido de que não há tempo para o inesperado, para a poética, para um pensar reflexivo, tudo deve ser controlado, garantido, além de uma incessante ocupação com os entes - avidez de novidades. Giberti (2018) diz: “Nesta época, o modo de descobrimento da verdade não ocorre de forma criativa e poética, mas de maneira alienada e repetitiva” (p.26). As relações com os outros e com os entes se tornam fluidas, sem sentido. Giberti (2018) cita Feijoo e Dhein em “na era da técnica acontece que as orientações do mundo ocorrem de forma tal que ela, a técnica, absorve o homem” (Feijoo e Dhein, 2014, apud Giberti, p. 26).

Para uma introdução às tonalidades afetivas fundamentais e principalmente e futuramente sobre o tédio, irei dar uma breve explicação sobre tal.

Segundo Casanova (2006) as tonalidades afetivas fundamentais desempenham um papel fundamental na própria abertura do mundo, ou seja, o Dasein em sua condição ontológica é aberto para o modo de afinação ao estar no mundo em suas diversas tonalidades afetivas fundamentais como o tédio, angústia, culpa, entre outras. Como Dulce (2006) escreve:

Está no lidar dos homens com elas e no falar entre si, dessas coisas e dos modos de se lidar com elas. Está entre os homens e as coisas; está numa trama de significados que os homens vão tecendo entre si mesmos e através da qual vão se referindo e lidando com as coisas e com tudo o que há (p.18).

Seria através de uma relação singular que o ser-aí estabelece com os outros e com os entes na qual, na maioria das vezes, é possível evidenciar uma tonalidade afetiva na

qual atravessa tais relações no mundo. O Dasein não se dirige às coisas e aos outros pela sua mera presentidade, mas muitas vezes intencionados por essa trama de significados e muitas vezes tomado por alguma disposição afetiva.

Como Casanova (2006) diz: “jogado no mundo compreensiva e dispositivamente, ele está ao mesmo tempo exposto ao acontecimento do ser dos entes em geral, à pergunta sobre o sentido do ser” (p.115). As tonalidades afetivas fundamentais também marcam um modo peculiar e único de cada Dasein em relação a como estamos no mundo agora, com os outros e na sua relação com os entes intramundanos. O modo como os entes de manifestam, tudo o que vejo, percebo, como me relaciono com os outros e até mesmo o campo de jogo no interior no qual o ser-aí sempre projeta a sua existência são atravessados, na maioria das vezes por uma disposição afetiva ou afinação. O mundo se revela para o Dasein com uma significação particular.

Casanova (2006) também ressalta que as tonalidades afetivas têm um lugar decisivo na ligação do ser-aí com a constituição do mundo sedimentado, no sentido em que o Dasein é de início e na maioria das vezes absorvido por esse mundo carregado de uma trama significativa sedimentada de mundo e que conseqüentemente traz um velamento da sua condição ontológica de abertura. Trazendo para o tema aqui abordado, o Dasein que está em um mundo atravessado pelas tramas significativas sedimentadas de uma temporaneidade da técnica, têm a possibilidade de se sentir afinado ao tédio como tonalidade afetiva característica da contemporaneidade.

O tédio, como tonalidade afetiva fundamental e marcada pela temporaneidade da era da técnica é caracterizado, segundo Svendsen (2006) como o desaparecimento e alongamento do tempo presente, queremos escapar do lugar onde estamos, o tempo se torna eterno e enfadonho, a diferença entre próximo e distante desaparece. Estar afinado ao tédio é evidenciar a abertura ontológica do Dasein, que permite estar afetado pelo mundo e pelas tramas significativas que atravessam seu existir. Além disso, o tédio encontra-se associado ao tempo, ao modo como o ser-aí vive sua temporalidade, ou seja, diz respeito aos modos de ser do ser-aí já que ser e tempo ou tempo e ser são o mesmo, conforme a conferência de Heidegger apresentada em 1962 e publicada no livro: O fim da filosofia ou a questão do pensamento (1972).

Heidegger ao estudar o tédio buscou compreender que nos tornamos indivíduos isolados, sujeitos a noções impessoais, abstratas e não sentimos mais nenhuma necessidade forte de coisa alguma ou de fazer algo essencial, a vida em certo sentido e tornou fácil demais. Esse esvaziamento e facilidade da vida e, portanto, na existência é a

fonte do tédio para Heidegger e o leva para o esquecimento do que ele considera como mais importante que seria a missão de se tornar o que essencialmente é e pela busca do sentido de ser. Heidegger ainda alerta e compara com a angústia dizendo segundo Svendsen (2006) que: “Podemos dormir no tédio, mas dificilmente na angústia. É por isso que despertar o tédio é tão crucial para Heidegger” (p. 139).

O tédio como tonalidade afetiva fundamental se mostra em diversas formas nas quais Heidegger busca compreendê-las e que serão exploradas nos capítulos seguintes.

Como Svendsen (2006) cita: “Certas situações existenciais, como a angústia e o tédio, abrem-se para um movimento de reação, já que o Dasein, em tais situações, não pode mais contar com o mundo, sendo brutalmente jogado de volta para si mesmo” (p.129). O estudo aqui presente ainda pretende trazer para o campo da Daseinsanalyse através de alguns exemplos ônticos de relatos do discurso de pacientes a importância das tonalidades afetivas no atendimento clínico, no sentido em que se desvela e desperta um voltar para si mesmo através de uma reflexão, pensamento meditativo e hermenêutico e que busca compreender o estar no mundo, na maioria das vezes afinado a alguma tonalidade afetiva e o tédio como característica desse mundo contemporâneo. A tonalidade afetiva desvela muitas vezes o modo particular de cada Dasein estar no mundo, como ele é afetado e compreende sua existência. Estar afinado ao tédio é desvelador também de mundo atravessado pela cadeia de tramas sedimentadas de uma temporaneidade da técnica moderna. O paralelo que buscarei realizar neste trabalho entre a Daseinsanalyse e o tédio é também evidenciado pelos modos de desvelamento do tédio, como Svendsen (2006) cita em: “O tédio revela um vazio, uma insignificância, em que todas as coisas são atraídas para uma indiferença geral. O tédio surge da preocupação com as meras coisas na vida inautêntica, corriqueira” (p.139).

Esta pesquisa tem por objetivo compreender o tédio na Era da técnica e uma possível compreensão do mesmo na Daseinsanalyse, trazendo alguns exemplos que ilustrem o tédio em suas diversas formas no discurso de pacientes como uma possível afinação característica da era da técnica.

O “Capítulo I” discorrerá sobre a era da Técnica Planetária e história do ser, buscando compreender a passagem do primeiro para o segundo Heidegger, além de um resgate filosófico sobre como o ‘Ser’ foi sendo interpretado e compreendido ao longo da história.

No “Capítulo II” buscarei esclarecer as diferentes formas do tédio segundo Martin Heidegger através do livro: Os conceitos fundamentais da metafísica: Mundo, finitude e solidão, escrito por Martin Heidegger.

Entender sobre o que Heidegger chama de Técnica planetária e como o ‘Ser’ foi sendo interpretado ao longo da história é dar base para um desdobramento dos modos de ser-no-mundo, mundo este que é atravessado pela técnica e por um modo particular de afinação que seria o tédio. A explicitação de ambos capítulos pretenderá dar base para o “Capítulo III” no qual fará uma relação entre o tédio e um olhar clínico pautado na Daseinsanalyse através de alguns exemplos que evidenciam via discurso de pacientes o tédio e suas possibilidades de desvelamento no mundo.

Por fim será apresentado a conclusão e as considerações finais, buscando retomar e resgatar os principais pontos abordados no trabalho e trazer a importância de se estudar tal fenômeno, como característico do nosso tempo atual.

Como contribuição, o trabalho presente procurará uma compreensão reflexiva sobre o fenômeno do tédio dentro de uma temporaneidade específica da técnica ou contemporaneidade, para além de trazer uma reflexão sobre os diversos sofrimentos que a contemporaneidade e os modos de se viver neste mundo têm atravessado o Dasein. Sejam as relações com os outros, com os entes ou com a própria existência, os estudos bibliográficos e o desvelamento no discurso de pacientes dentro da psicologia clínica denunciam sofrimentos referentes a essa época. A técnica vem modificando modo de estar no mundo das pessoas, seus sofrimentos, questões e, também, os modos de se relacionar com os outros.

METODOLOGIA

O trabalho de conclusão de curso apresentado é um ensaio teórico que tem por empenho procurar refletir sobre o tédio na época da Técnica Planetária Planetária a partir das contribuições de Martin Heidegger (1889-1976) em *Os conceitos fundamentais da metafísica – Mundo – Finitude – Solidão* publicado em 1983 e a *Daseinsanalyse* de Medard Boss (1903-1990) entre outras interlocuções.

Para tal, o estudo visará uma busca pela compreensão das contribuições do segundo Heidegger após 30, com a chamada ‘*viravolta*’ (*Kehre*) em que a história do ‘Ser’ se coloca na tarefa de desconstruir o pensamento metafísico através de uma análise e meditação de como ‘Ser’ foi sendo interpretado ao longo da história do pensamento ocidental ou a história do seu esquecimento, portanto, um resgate e aproximação da compreensão do ‘Ser’ que iremos buscar. A busca de uma apropriação e entendimento da história do Ser ajudará na compreensão do que Heidegger nomeia como Técnica Planetária e seus desdobramentos como a disposição afetiva do Tédio.

Para nos aproximarmos da compreensão do tédio na e sua relação com a técnica moderna, será realizada uma revisão bibliográfica dos autores que já estudaram o tema e que levam a um aprofundamento da compreensão do problema desta pesquisa. Para que isso seja possível, o estudo bibliográfico tem como objetivo compreender o tédio na era da técnica, além de buscar uma compreensão reflexiva do mesmo fenômeno, porém sob a ótica da *Daseinsanalyse* - trazendo o trabalho também para psicologia clínica. Além disso, se atenta a teoria da prática clínica dos psicólogos, proporcionando embasamento teórico da literatura referente ao fenômeno que se pretende estudar - podendo ajudar o psicólogo na compreensão dos fenômenos levados para o espaço clínico pelos pacientes.

As principais bibliografias que darão suporte e embasamento ao trabalho são os livros: *Os conceitos fundamentais da Metafísica – Mundo, finitude, solidão* de Martin Heidegger, *Nada a caminho: impessoalidade, niilismo e técnica na obra de Martin Heidegger* escrito por Marco Antônio Casanova, *Heidegger Urgente: introdução a um novo pensar*, escrito pelo autor Oswaldo Junior Giacoia, a tese de mestrado *A única certeza da morte é a vida: investigação fenomenológica sobre idosos que se preparam para a morte* escrita por Gabriela Machado Giberti, o artigo chamado *Daseinsanalyse e “Doença” do mundo* de José Carlos Michelazzo, entre outras bibliografias. Os livros e textos citados dão conta principalmente dos dois primeiros capítulos que serão apresentados. A posteriori, o capítulo 3 terá suporte teórico de alguns artigos como:

Neurose do tédio escrito por Solon Spanoudis, *Análise existencial – Daseinsanalyse: Como a Daseinsanalyse entrou na psiquiatria* escrito por Medard Boss e *Tratamento de uma neurose do tédio escrito também* escrito por Medard Boss, entre outros autores que ajudam a compor interlocuções que aprofundam a compreensão do fenômeno estudado nas práticas clínicas da Daseinsanalyse desenvolvidas por Ludwig Binswanger e de Medard Boss.

A escolha da Fenomenologia Existencial, com o foco em Martin Heidegger permite uma compreensão profunda do fenômeno através do seu olhar existencial ontológico e do horizonte ôntico que envolvem as manifestações sintomática do tédio. As pesquisas teóricas em fenomenologia como em outras abordagens compreendem a reflexão, a interlocução e o aprofundamento de temas concernentes a área de pesquisa abordada, no nosso caso a fenomenologia existencial.

A pesquisa conta com fichas de registro, que são utilizadas para facilitar a escrita e o acesso aos documentos literários encontrados em livros, artigos, teses de doutorado e mestrado, entre outros.

CAPÍTULO I: A Era da Técnica Planetária e História do ser

A Era da Técnica Planetária foi uma expressão cunhada por Martin Heidegger para se referir a nossa época atual séculos XX e XXI, cujo horizonte do pensamento é orientado por dois fenômenos basilares e essenciais: a ciência e a técnica moderna.

Os modos como o ‘ser’ foi sendo interpretado em seu horizonte histórico pelo pensamento ocidental, chega-se a nossa época atual denominada por Martin Heidegger de Época da técnica Planetária, a partir de uma Gestell (armação e imposição), aproximando o real na perspectiva da tríade: exploração, produção e consumo muito embasados no pensamento metafísico, predominante da época atual. A Gestell é entendida como uma imposição e armação que condiciona o desvelar do ente, portanto, seu ‘ser’ é sempre aberto a perspectiva daquilo que pode ser útil, transformando-o em produto, mercadoria transacionável entre outros usos. Desta forma, o ‘ser’ dos entes passa a ser interpretado como mercadoria, por exemplo o corpo, a sexualidade e o produtivismo acadêmico.

O capitalismo realiza este modo de compreensão do real, como o consumismo, o acúmulo de bens e a obsolescência de tudo que rapidamente troca o novo pelo mais novo. É neste cenário que o consumismo descontrolado e a hipertrofia do desejo, tornam as relações do ser-aí superficiais sem vínculo, tudo passa a ser descartável - uma reação ao tédio.

Tais questões são elaboradas por Martin Heidegger após 1935, havendo, portanto, uma separação entre o Primeiro Heidegger e o Segundo Heidegger, denominado por ‘viravolta’ (*Kehre*), que denomina exatamente a viragem na obra de Heidegger. Giacoia Jr. (2013) explicita que os escritos da primeira fase, fazem parte de uma fenomenologia na busca de uma compreensão ontológica da existência, ou seja, Heidegger postula uma ontologia fundamental da finitude do Dasein, através de um trabalho hermenêutico desta compreensão. A obra mais importante desta fase é *Ser e Tempo* (1927), em que Heidegger busca o início de uma destruição do pensamento metafísico, perguntando-se pelo sentido do ser e buscando uma compreensão e diferenciação ontológica entre ser (ser- aí) e ente. O pensamento pós-metafísico, já em Segundo Heidegger, busca uma tarefa reflexiva de pensar sobre a verdade do ‘ser’ (*alétheia*) em um tempo demarcado historicamente pelo poder das tecnociências.

Ainda, em relação ao segundo Heidegger, preocupa-se com o desenvolvimento da ciência e da técnica moderna, na sua escalada compulsiva, onde cada vez mais nos

aproximamos do que ele chama de uma catástrofe, como por exemplo a ecológica. Além disso, o pensamento metafísico traz uma profunda alienação e que o despertar desse modo de pensar só seria possível através de uma reflexão e recolhimento meditativo, ou seja, outro modo de pensar sobre o pensar *calculatório*, operacional, instrumental, eficiente que é predominante na metafísica e na Era Planetária das tecnociências.

A continuidade da destruição do pensamento metafísico e a busca pelo pensamento reflexivo sobre a Era da Técnica Planetária seria, segundo Giacoia (2013) uma retomada da experiência viva da essência da linguagem e que desestabiliza a verdade que a ciência busca, como verdade una, imutável e calculante. Somente com este exercício seria possível retomar a pergunta originária pelo sentido do ser.

Além disso, através de Giacoia (2013) fica explícito que a compreensão dessa ‘viravolta’ para o entendimento da história da verdade do ser é dada não mais na tematização do ser-aí em seu horizonte transcendental da sua própria finitude, mas a referência passa a ser a temporalidade própria do ser (*Tempo e Ser*). Essa mudança marca a ‘viravolta’ (*kehre*) através do que Heidegger passa a chamar de *temporaneidade*, pois resgata a compreensão de que a temporalidade do ser-aí é dada pelo curso da história (*Geschichte* - como acontecer), no acontecer do ser que se desoculta nos entes, desvelam o ser e determinam o sentido de uma era do mundo, caracterizada exatamente pela *temporaneidade* do ser, que não é dada pelo tempo *chronos*, e nem pela própria finitude.

Uma importante consideração que deve ser apontada para o entendimento sobre a verdade do ser em Segundo Heidegger seria que a abertura deixa de ser considerada apenas como uma condição ontológica do ser-aí, mas também passa a ser compreendida, por Heidegger na ‘viravolta’, como uma *clareira do Ser*, ou seja, a condição de abertura passa a ser referida ao ser, na qual os entes são desvelados para e pelo homem. Giacoia (2013) explicita que a essência do homem como Dasein é também dada como verdade, desvelamento do ser. O ser, o homem, e os entes intramundanos formam um círculo hermenêutico, no qual abertura e fechamento, doação e subtração são marcas dessa condição.

A verdade do ser dos entes passa a ser compreendida pelo pensamento metafísico na certeza da sua representação e da sua essência. Filósofos como Descartes, Kant até Nietzsche, contribuem para o fundamento deste pensamento. Heidegger, através do seu pensamento reflexivo contrapõe a essa filosofia moderna compreendendo que o ser é abertura e vazio e que, portanto, os entes são sempre em seu horizonte temporal de um

acontecimento a apropriador, uma clareira na qual vêm a luz em sua verdade. Heidegger ainda diz que a técnica seria apenas um modo de trazer à luz e não o único.

Giacioia (2013) define a essência da técnica moderna como:

A técnica moderna é desvelamento e produção. Trata-se de um trazer à luz, um pôr e dispor, um tornar manifesto, que tem a forma do *desafio* (*Herausforderung*), que estabelece para a natureza a exigência de fornecer energia suscetível de ser extraída e armazenada como tal. (p.96)

A técnica moderna dispõe os entes como objetos em um processo inesgotável de armação (*Gestell*) dado por extração, transformação, preparação, armazenamento, distribuição, comutação, consumo e desgaste e, portanto, seria neste sentido que é dado o desafio, desafio de explorar a natureza. Heidegger deixa claro sua preocupação sobre a essência da técnica na qual muito se escreve, mas pouco se pensa, retomando a necessidade de reflexão, de um pensamento meditativo, que não priorize a eficácia do pensamento calculatório, mas que busca não negar a importância do pensamento metafísico, mas ir além dele, liberado da insânia compulsiva, do falatório vazio.

A história do ‘Ser’

Neste capítulo ainda se vê a importância de um trabalho e compreensão mais filosófico, a fim de resgatar como o ‘Ser’ foi sendo interpretado ao longo da história, além das mudanças na compreensão deste.

Michelazzo (2001) faz uma retrospectiva sobre a história do Ser, buscando desconstruir o pensamento metafísico, através de Martin Heidegger quando para Heidegger estamos vivendo a “época da consumação da metafísica”. Para tal, ele busca na origem do pensamento (pensadores pré-socráticos) até a nossa época contemporânea.

A história começa com uma indagação sobre o que se constituiria do ser do real, ou seja, o ser das coisas ou entes, questionado pelos pré-socráticos, como Heráclito e Parmênides. Tais pensadores tinham a concepção do ser como *physis*, de forma que viam o os entes como o real que brota, que têm sua permanência (conserva-se) e, ao mesmo tempo, sua impermanência (desaparece). A *physis* estaria presente na natureza, no pensamento, nas ações e nos sentimentos humanos. A concepção de verdade vista como *alétheia*, ou seja, o ente que estava constantemente na relação do ocultar-se e sair desse estado de ocultamento. Para eles, o real tinha uma relação de ambiguidade, de forma que todos os entes que se manifestam (ser) na sua existência, estariam também em sintonia com a sua não existência (não-ser). Portanto, tais pensadores traziam o real na sua

concepção e relação constante de obscuridade (escondido) e luminosidade (ente que se revela), que estava presente não apenas no mundo da natureza, mas também no mundo dos homens, como na política, religião, educação e poesia. Como Michelazzo (2001) cita “Uma claridade sem sombras é uma onipotência impotente” (p. 57).

Consequentemente, é neste cenário que surgem os chamados sofistas, que desempenhavam um importante papel na democracia grega do séc. V a.C. Para tais, o conhecimento era sempre relativo (relativismo) à experiência humana e a verdade como sendo um resultado das nossas opiniões sobre as coisas. Tal pensamento fez com que outros pensadores sentissem a necessidade de refletir sobre um conhecimento que buscasse uma verdade única e universal, não relativa, dando início ao caminho para o pensamento metafísico.

A partir do início do pensamento metafísico, Platão promoveu uma mudança na concepção de Ser, como sendo interpretado por *idéa*, ou seja, seria o aspecto daquilo que aparece, havendo uma relação com a ideia original de *physis*, porém a visão do ser passa a ser interpretado como *idéa*, durante toda a história posterior do Ocidente. Platão, através da alegoria da caverna, traz a concepção de verdade, do real do ser com enfoque na abertura da caverna (luz, claridade), fazendo um paralelo com a concepção de *alétheia* (os entes se manifestam a partir do oculto), mas que agora sua manifestação tem origem e foco na claridade. O real, então, pôde ser interpretado a partir de dois âmbitos: o “supra-sensível” onde se localiza aquilo que “é” propriamente (ente), ou seja, *idéa*, mas também no âmbito da “sensível”, ou seja, a esfera do real que não têm sua permanência e consistência.

Platão pode ser considerado um marco inicial do pensamento metafísico, através do seu paradigma dualista, dicotômico de interpretação do ser. Para Heidegger, seria a partir de Platão que se inaugura o que ele chama de “esquecimento do ser”, assim como uma continuidade de pensamento que irá orientar o pensamento ocidental até Nietzsche. Ainda, seria a partir do início da modernidade que essa linha de pensamento ganha extrema força.

A época moderna (séculos XVI ao XIX) com destaque para o filósofo Descartes, interpreta ‘ser’ através do que ele chama de *res* (coisa). Descartes afirma que todo ente, todo real é dividido em duas categorias que ele postula como: *res cogitans* (supra-sensível, sujeito) e *res extensa* (sensível, objeto). O homem torna-se a referência, aquele que é capaz de fazer representações do ser do real, o ser de todo e qualquer ente. O sujeito

ou homem por meio da representação determina o real, o ser dos entes através de um pensamento calculante.

A época contemporânea (desde o final do século XIX) marcada principalmente pelos pensamentos de Nietzsche, o último pensador metafísico, buscou uma reflexão a cerca de um determinado niilismo e o enfrentamento do vazio dos valores elevando assim, a condição da sensível à condição de supra-sensível.

Nossa época atual (séculos XX e XXI) caracteriza-se pela consumação do pensamento metafísico, segundo Michelazzo (2001). Tempos de expressão máxima do antropocentrismo, no qual Heidegger alerta para um perigo dessa Era da técnica planetária. Com o domínio do pensamento calculante sobre os entes e especialmente sobre o ser, o desenvolvimento incessante das tecnologias e da indústria e a exploração da natureza, é dado para Heidegger como um desvelamento, não o mesmo da arte (*téchne* grega - poesia), mas que é dado por um movimento de provocação ou armação (*Gestell*) em que o homem provoca a natureza, esgotando seus recursos e a natureza provoca o homem ao esconder sua riqueza e o obrigando a encontrá-la, ou seja, um processo de disputa destrutiva. Através desse cenário, Heidegger alerta sobre um perigo supremo, no qual a técnica planetária, a devastação da natureza (total exploração da natureza para o consumismo e produção), a massificação dos homens (ser alienado de si propagado pelo consumo) e a fuga dos deuses (abandono dos divinos) desresponsabilizam o homem sobre o seu existir.

O perigo supremo é dado por dois motivos extremamente importantes, segundo Heidegger. O primeiro deles seria em relação a esse pensamento calculante que traz à tona um movimento frenético, onde tudo passa e nada fica, permanece. O homem não consegue mais criar raízes com os entes, com os outros e com o seu próprio existir, mas que traz uma auto-ilusão de um “viver intenso”. O segundo motivo seria dado por um extremo desgaste, exaustão, tédio e nadidade, onde existe o predomínio de uma falta de sentido da experiência e do existir. Em face a esse perigo, Giacóia (2013) descreve sobre o esquecimento da importância do pensamento meditativo, no qual Heidegger considera como determinante no enfrentamento desse perigo supremo, pois seria um agir liberado de um falatório vazio e frenético. Portanto, para Heidegger, só nos restaria três atitudes a se tomar: resignar-nos, revoltar-nos ou pensar. Somente o pensar poderia trazer transformações. Neste sentido, Giacóia (2013) cita a poesia de Hölderlin: “*Lá onde há perigo, cresce também aquilo que salva*” (p. 104).

***Gestell* como a essência da técnica**

Gestell, vêm por sua vez definido como armação, pela estrutura criada para um fim. O lugar onde algo é colocado, como por exemplo uma estante, é o lugar onde se guardam livros, objetos. Entretanto, Heidegger para denominar a essência da técnica moderna foge de uma concepção instrumental e busca em tal termo uma ‘com-posição’ tecnológica do mundo, na qual escapa ao controle do homem e que ele não domina, mas que domina a história e a relação com o ‘ser’ dos entes. Embora a manipulação dos entes pode-se dar pelo meio da técnica, a essência da técnica na qual Heidegger medita foge deste ideal. Segundo Duarte (2014), Heidegger questiona de forma rigorosa e se pergunta sobre a essência da técnica, não para definir ou encontrar algo universal e comum a tudo o que é técnico, como no caso da estante, mas uma meditação rigorosa sobre o que ‘está a ser’ no cerne da técnica, chegando ao termo *Gestell* que se coloca como uma armação e consiste na singularização do modo ‘técnico’ de manifestação da verdade na técnica planetária.

A busca por uma essência que não traria uma mera definição instrumental à respeito da técnica leva Heidegger a resgatar através da técnica, o modo dominante no qual se dá a relação entre o homem e o mundo. Para além, trata-se da abertura ontológica no qual o ser- aí se depara como sua condição ontológica e aquilo que se manifesta (o ente) nos é acessível, ou seja, o modo de não-encobrimento dos entes, mas sim o seu desvelar - *alétheia*.

Heidegger ao se utilizar do termo *Gestell* volta-se ao questionamento do que ‘está a ser’ para uma compreensão de que o ‘ser’ parece ter cedido o seu lugar aos entes, no qual definem contornos e enquadram todas as possibilidades do estar-no-mundo, desdobramento esse, de um incansável pensamento técnico e calculante. Desta forma, não há espaço para a manifestação originária ou o acontecer do ‘ser’.

Duarte (2014) reflete sobre alguns desdobramentos dessa essência *Gestell* na era da técnica planetária, como a avidez de novidade, a ruptura do ócio e substituição pelo neg-ócio, império do capitalismo e por uma fluidez e secularização de todos os valores. A voraz busca pelo progresso e pela técnica, dilata o presente, entedia e faz com que o homem não perceba a rotina no qual ele está circundado. Ainda, a autora coloca que a época da técnica planetária em qual estamos imersos é dada pela construção social de um mundo de imagens, de um mundo ‘falso’, no qual *Gestell* é não mais que a constatação e reflexão mediante a esse mundo espetacular e calculante que o homem têm se relacionado

com a natureza, com os outros e com seu existir. *Gestell* é dado por um poder que impõe ao homem e o coloca em uma situação de responder a uma provocação de um modo de estar no mundo com os entes e os outros pré-determinado pela técnica.

O presente capítulo propõe uma explicação mais filosófica sobre o pensamento de Martin Heidegger sobre a era da Técnica Planetária, assim como uma retomada da história do ‘ser’ e *Gestell* como essência da técnica e seus desdobramentos. O capítulo faz-se importante para refletir como a compreensão e interpretação do ‘ser’ dos entes foi se transformando ao longo da história, de forma que olhar da filosofia pode contribuir com tal compreensão, assim como os impactos e desdobramentos de tal acontecimento nos fenômenos existenciais que atingem os modos de ser do Dasein, como a tonalidade afetiva do tédio, que será apresentado no próximo capítulo. Poder resgatar a história do ‘ser’ e refletir sobre a *gestell* como essência da técnica planetária foi também poder introduzir a reflexão sobre a limitação da relação do homem com o mundo, neste modo técnico de se relacionar com os entes, o empobrecimento e estreitamento de possibilidades de estar no mundo e que na busca pelo controle e pela garantia dos entes, perde-se o inesperado e a relação de um desvelar dos fenômenos.

É possível pensar e relacionar este modo técnico de estar no mundo com a tonalidade afetiva do tédio e outras interlocuções, para buscar uma reflexão meditativa sobre a experiência originária do ser, ou seja, diferente do olhar que a técnica vêm se impondo, além de um aprofundamento sobre as tonalidades afetivas, como o tédio - foco do trabalho que despertam e afinam o Dasein para um possível pensar sobre sua existência.

CAPÍTULO II: As diferentes formas do tédio segundo Martin Heidegger

As três formas do Tédio

Heidegger (2015) elabora uma extensa busca por uma compreensão e aprofundamento sobre a tonalidade afetiva do tédio. O tédio, para o autor citado, seria uma tonalidade afetiva fundamental, uma afinação, na qual o Dasein é afetado e que tem impactos na sua compreensão sobre mundo, até mesmo no seu ser-no-mundo. O tédio como uma tonalidade afetiva fundamental nos afeta enquanto Dasein, nos faz agir desta ou daquela maneira, assim como modifica nossa compreensão sobre o mundo, os outros e os entes. Desta forma, está ligada aos entes e ao próprio Dasein. Heidegger (2015) diz que uma tonalidade afetiva fundamental como o tédio tem de ser desperta no sentido de deixar-estar acordada, ou seja, o Dasein só é capaz de se afinar a ela, se ele não se contrapuser a ela, mas se entregar, dar espaço e liberdade, deixar ela se aproximar de nós (dar escuta) para a tonalidade afetiva que se dirige ao Dasein - o tédio. A liberdade e o afinar-se têm em si o caráter de um tornar-aberto (p. 174).

As tonalidades afetivas devem ser encaradas pelo ser-aí com uma postura questionadora, postura essa que vêm se perdendo no mundo contemporâneo. Questionar e deixar-estar acordada é permitir que a tonalidade afetiva do tédio se desvele em suas diversas essências.

Ainda, falar sobre o tédio é também estar constantemente alerta com a temporalidade, nos conduzindo ao questionamento de como nos colocamos diante ao tempo passado-presente-futuro. A importância que este trabalho busca para a compreensão da tonalidade afetiva do tédio, suas formas e futuras interlocuções como com a clínica psicológica dentro do contexto da técnica moderna, é dada pela possibilidade de estabelecer uma relação entre tal tonalidade afetiva fundamental e as possíveis afetações do Dasein no mundo da era técnica moderna.

Heidegger (2015) separa a tonalidade afetiva do tédio em três diferentes formas, a fim de buscar a compreensão e aprofundamento de tal afinação.

A primeira forma do tédio: o ser-entediado por alguma coisa, é elaborada por Heidegger (2015) como uma afinação em que queremos evitar de qualquer forma, assim como outras tonalidades afetivas como a angústia. Evitar essa afetação de alguma forma é negar olhar como estamos cuidando do nosso existir e do nosso ser-no-mundo. Para isso, estamos o tempo todo empenhados na grande tarefa de passar o tempo e quanto mais

rápido isso acontecer, melhor. Entretanto, quando o tempo se torna longo demais - nos afinando ao tédio - na maioria das vezes, buscamos meios para fugir dessa afinação, através dos passatempos. Segundo Heidegger (2015):

E o tédio não pode, por fim, se tornar essencial para nós porque ele pertence de início e na maioria das vezes àquelas tonalidades afetivas que não apenas afugentamos cotidianamente, como também não deixamos frequentemente que nos afinem enquanto tonalidade afetivas; mesmo quando estão aí. (p.108)

Ainda, ao decompor a palavra ‘passa-tempo’ podemos refletir sobre o desvelar do seu significado e como tais passatempos são direcionados na tarefa de encurtar e preencher o tempo que se alonga, de forma a expulsar o tédio. Ainda, o passatempo tem o caráter peculiar de ajudar uma inquietude que traz consigo a impaciência, ou seja, quando nada é suficiente para nos preencher e passar o tempo. Heidegger (2015) alerta sobre a importância de uma proteção contra o adormecimento frente a esse tédio, pois deixar ser afetado por tal tonalidade afetiva é permitir olhar para o próprio ser-aí, ou seja, o desvelar do seu ser, além de poder refletir sobre a tarefa que temos que é a de cuidar constantemente do nosso ser, e se permitir questionar sobre o tédio que se apresenta desta forma. O alerta que Heidegger (2015) faz contra tal adormecimento é muitas vezes dado pelos passatempos, em que justamente não deixam o tédio nos afetar e aparecer. Seria negar algo que através da reflexão pode se desvelar sobre a minha existência e o meu ser-no-mundo.

Além disso, o ser-entediado por alguma coisa, nos diz sobre algo entediante. Esse algo que nos entedia pode ser um livro, um ato festivo, um grupo social, algum evento, lugares, mas que tais entes não nos prendem, não nos preenchem. Assim a primeira forma do tédio como a ser-entediado por alguma coisa, é mais direcionada ao externo, seria algo determinado, temos seu conhecimento e que vêm ao nosso encontro e nos afina desta forma, mas que não está apenas ligada ao ente ou ao objeto externo, mas também e principalmente ao Dasein, pois o está afetando desta específica forma.

O ser-entediado por alguma coisa também traz uma compreensão temporal, na qual o curso do tempo se torna hesitante e paralisante, afligindo o ser-aí. Essa afetação leva ao Dasein, na maioria das vezes, a buscar um passa-tempo a fim de que o tempo ande mais rápido e ele não precise mais sentir essa tonalidade afetiva fundamental que o incomoda. O passatempo quebra tal hesitação e traz o esquecimento do tempo. O esquecimento do tempo pode trazer uma sensação positiva, na maioria das vezes, mas ele

também pode ser negativo de diversas maneiras, como não se deixar afetar pelas coisas, a sensação de que nada nos oferece, mas que serão abordadas mais profundamente nos próximos capítulos.

A era da técnica convoca a tonalidade afetiva fundamental do ser-entediado por alguma coisa nesta constante busca por estar ocupado, pelo passar do tempo da forma mais rápida possível. Tal fluidez do tempo é também compreendida por Heidegger (2015) como uma forma de não cairmos na serenidade vazia do tédio. O estar ocupado constantemente é um dos modos possíveis no qual o Dasein pode buscar para cuidar do seu existir, dos entes que o circundam, das suas questões e afetações como com o próprio tédio. A serenidade vazia se apresenta quando as coisas estão simplesmente dadas, não podem afetar e oferecer nada ao Dasein, se dá um vazio e ele está simplesmente dado no mundo. É uma ausência ou recusa de preenchimento em relação ao como o Dasein lida com os entes a sua volta.

A segunda forma do tédio segundo Heidegger (2015) é nominada como: o entediar-se junto a algo. Heidegger (2015), logo no começo do livro, explicita que essa segunda forma do tédio seria mais profunda comparada à primeira. Além disso e diferentemente da primeira forma do tédio, não fica tão explícito o “algo” ou ente que nos leva ao tédio nesta segunda forma. Heidegger (2015) diz que o entediar-se junto a algo é apresentado como a falta específica de um ente que leva ao tédio e de que o Dasein é afetado de forma a não se ocupar com nada, nem consigo mesmo. Desta forma, não é possível encontrar o ente entediante, o ser-aí é tomado por um compreender que não há nada entediante, e mesmo assim se afina ao tédio. Desta forma, o estado desconhecido é o caráter do entediante.

O entediar-se junto a algo traz uma relação temporal que pode ser estabelecida comparando as duas primeiras formas do tédio. A relação se coloca de forma que na primeira forma, não queremos perder tempo com o ente entediante, despertando no ser-aí a impaciência e inquietude em razão desse tempo que passa lentamente. Diferentemente, na segunda forma do tédio parece haver um tempo que nem urge e nem hesita passar, ele fica aí, junto ao entediar-se, parecendo paralisar o Dasein e, portanto, o ser-aí não é afligido pelo tempo e seria exatamente tal questão, que levaria a essa segunda forma do tédio. Não existe uma inquietude peculiar, e exatamente por isso, a primeira impressão seria a de uma ausência do tédio, não havendo a retenção do tempo, como na primeira forma do tédio. Desta forma, Heidegger (2015) ainda comparando as duas primeiras formas do tédio, diz que o entediar-se junto a algo pode ser caracterizado como

um afinar-se que emerge a partir do próprio ser-aí, talvez por isso pode ser considerado como mais profundo. Somos atraídos para nós mesmo, de volta para o peso próprio do ser-aí.

A serenidade vazia na segunda forma do tédio cresce do fundo, na busca por um ser-preenchido pelo ente que já se encontra dificultada em meio a um deixar-rolar. Esse deixar-rolar é caracterizado por deixar-se levar pela corrente, para que alguma ocupação que possa preencher ou afetar o Dasein. Na maioria das vezes, esse deixar-rolar, pode indicar escapar do nosso si próprio. Diferentemente, na primeira forma do tédio, a serenidade vazia se apresenta através da exclusão do preenchimento pelo ente, enquanto no entediar-se junto a algo, forma-se efetivamente um vazio que se apresenta ao deixar para trás o cuidado com o si próprio mesmo. O vazio que se forma também é apresentado por este carácter desconhecido e indeterminado do ente entediante.

Todo ser-aí tem seu tempo e exatamente por isso que o tédio é possível. Segundo Heidegger (2015), o tédio emerge da temporalidade do ser-aí (p. 168). A maior diferença das duas formas do tédio, portanto, seria a ligação diferencial com o tempo, na qual a primeira estamos aflitos pelo tempo hesitante e não temos tempo, não queremos perder tempo desnecessariamente, enquanto na segunda forma, deixamos o nosso si- próprio estagnado, dissipando o tempo.

A terceira e última forma do tédio é nomeada por Heidegger (2015) como: o tédio profundo enquanto o “é entediante para alguém”. O tédio nesta forma surge para o Dasein em uma certa atemporalidade, na qual ele se encontra retirado do fluxo do tempo. Para Heidegger (2015) a terceira forma do tédio seria a forma mais profunda das três, e apenas por ela poder afinar o Dasein a tal forma, é que as duas outras formas também são possíveis.

O ser-aí se encontra retirado do fluxo do tempo em uma certa indiferença, tudo vale tanto e pouco, o ser- aí não consegue se entregar na totalidade das suas experiências, há uma certa retração do seu ser-aí. Nada mais nos entes quer atraí-lo. O tempo bane o ser-aí não apenas em um tempo que permaneceu parado em contraposição ao fluxo, mas para além disso, o ser-aí é banido no tempo enquanto seu horizonte existencial no qual não encontra um caminho até o ente que se recusa na sua totalidade. Desta forma, a serenidade vazia só é possível com o ser-aí banido pelo horizonte temporal.

Vazio consiste aqui na indiferença. A serenidade vazia só existe, onde existe a necessidade de plenitude e completude. Se o ente se encontra na indiferença, forma que se expressa o tédio, então tudo se encontra na serenidade vazia. Na terceira forma do tédio

a serenidade vazia é a entrega do ser-aí ao ente que se recusa em tal totalidade (p. 184). A serenidade vazia também é apresentada como o ente que se recusa, ou seja, as possibilidades que se apresentam ao ser-aí que se encontram a esmo. Segundo Heidegger (2015):

Este deixar vazio que traz para o interior da amplitude juntamente com a retenção do aguçamento é o modo originário de afinação desta tonalidade afetiva que denominamos de tédio (p 190).

Além disso, o horizonte temporal que bane o ser-aí é também no sentido de estreitar as possibilidades de desvelamento dos entes, e o banimento temporal só pode ser quebrado, com o que Heidegger (2015) coloca como instante - citando como referência *Kierkegaard*. O instante como uma própria possibilidade do tempo.

Assim, na terceira forma do tédio o tempo do ser-aí está, de início e na maioria das vezes, velado para ele, e esse tempo pode ser o tempo que se alonga levando ao tédio, especialmente na última forma nomeada como “é entediante para alguém”. Esse tempo mantém preso o ser-aí e o alongar do tempo é também tornar-se amplo o horizonte temporal. Tal amplitude não liberta ou alivia o ser-aí, mas o oprime. Pôr o oprimir a amplitude pode ser compreendida como um estreitamento do horizonte temporal, onde apenas o instante pode se anunciar como possível (p. 199).

Em suma, é o tempo do ser-aí enquanto tal que deixa o vazio sob o modo de banimento. A temporalidade, enquanto horizonte existencial, é entediante para o ser-aí. Os entes mundanos podem dar a aparência legítima de que são os entediantes, mas na terceira forma do tédio, o que se define como “é entediante para alguém” é a própria temporalidade, como condição existencial do Dasein.

Segundo Heidegger (2015), o tédio de forma geral e na linguagem cotidiana - tramas sedimentadas de mundo contextualizada pela era da técnica, é compreendido no sentido perturbador e incômodo. O ser-entediado e o tédio podem ser desvelados como um sinal de caráter superficial ou de desocupação, principalmente através do contexto da era da técnica, mas não é esse sentido que o trabalho busca como compreensão e desvelamento sobre o tédio e suas interlocuções.

O presente estudo, portanto, busca a compreensão da tonalidade afetiva do tédio como uma forma de enxergar que tal disposição afetiva tem se tornado cada vez um modo de estar afinado do ser-aí no mundo da era da técnica. Além da importância do estudo sobre tédio através do autor Martin Heidegger e interlocutores, o estudo também visa a

compreensão dos fenômenos presentes na era da técnica sob o olhar da psicologia clínica, de acordo com a abordagem fenomenológica existencial de Martin Heidegger. A busca pela compreensão reflexiva da tonalidade afetiva do tédio e de seus diversos desvelamentos, só é possível dado pela relação do Dasein no mundo, mundo esse sedimentado com tramas de sentido da era da técnica, que traz não apenas o desvelar do tédio como uma desocupação, mas mais profundamente, e através de um trabalho reflexivo que busca pensar sobre os diversos modos do tédio, suas afinações e tramas sedimentadas do mundo contemporâneo, assim como os possíveis desdobramentos na prática clínica psicológica. O tédio, como tonalidade afetiva fundamental - despertam prazer e desprazer - é desprazeroso e, na maioria das vezes, queremos afastar esse estado, porém o trabalho aqui em si, resgata a reflexão da importância do desvelar de tal tonalidade afetiva fundamental, no sentido em que ela abre o ser-aí no modo como ele é, e no seu ser-no-mundo, ou seja, a partir de a singularidade de suas tramas significativas. A partir do desvelamento das possibilidades do ser-aí afinado a tonalidade afetiva do tédio, o trabalho presente buscará uma relação entre tal afinação, como um modo autêntico do ser-aí, e a clínica psicológica na era da técnica. A compreensão do tédio na linguagem cotidiana ou rigorosamente enquanto impessoal, reprime o tédio profundo, que para a fenomenologia é extremamente desvelador, enquanto possibilidades existenciais do ser- aí.

CAPÍTULO III: Tédio e Daseinsanalyse

Os capítulos escritos acima ajudam-nos a compreender e contextualizar o mundo em que vivemos, afinado as tramas significativas de um mundo técnico. A abertura, ou seja, o “da” do *Dasein* é sempre compreensão, discurso e disposição afetiva, nesse sentido ele já está sempre compreendendo o mundo a partir de uma tonalidade afetiva que o toca, afinado onticamente por um humor.

Os temas abordados acima nos quais resgatam a essência da técnica como *Gestell*, armação, possibilitam-nos pensar sobre os desdobramentos nos quais o mundo técnico tem atravessado o *Dasein*, nos seus modos de ser no mundo. A essência da técnica como *Gestell* pode se apresentar de diversas formas na avidez de novidades, na negação do ócio, na dilatação do tempo presente (tempo Cronos e tempo kairós), nas quais muitas dessas tramas significativas são sedimentadas por um mundo que é regido pelo Capitalismo como cultura do consumo, do produtivismo, da avidez desenfreada por novidades como em relação às que a tecnologia nos apresenta e que excede nossas reais necessidades. Esse é o mundo da técnica moderna entre tantas outras consequências.

O tédio, como tonalidade afetiva fundamental, está cada vez mais relacionado ao mundo da técnica moderna, tanto em relação aos modos objetivados de ser como também em relação à distração e a dispersão de nós mesmos. A busca pela compreensão e desvelamento de sentidos desse tédio que afina o ser-aí no mundo, tem grande relevância na clínica Daseinsanalítica no sentido de compreendermos os desdobramentos dos modos de ser em um mundo atravessado pelas tramas significativas de um mundo técnico.

Daseinsanalyse e o Tédio

Segundo o artigo escrito por Boss (1976), o termo alemão “Daseinsanalyse” no passado carregou diferentes compreensões e, na maioria das vezes, precipitações ao usá-lo na prática clínica psicológica e psiquiátrica. Boss (1976) procurou resgatar a terminologia original da palavra, para sustentar a sua compreensão do que ele chama de Daseinsanalyse. O termo provém de uma “análise do Da-sein”, no qual apareceu pela primeira vez na obra *Ser e Tempo* (1927) de Martin Heidegger, cujo empenho foi buscar a compreensão das características ontológicas constituintes do existir humano.

Ainda segundo Boss (1976), Ludwig Binswanger (1881-1966) foi o primeiro psiquiatra que tendo acesso a ontologia de Heidegger ST em 1930, cunhou o termo

Daseinsanalyse que era originalmente filosófico e ontológico para um contexto ôntico, ou seja, propondo uma ciência ôntica. Em 1941, Binswanger usou a expressão “Daseinsanalyse psiquiátrica”, para pensá-la como um novo método de investigação que deveria permitir compreender e descrever os sintomas e síndromes psiquiátricos perceptíveis em seus pacientes, sob um olhar fenomenológico. Tal método deveria ser capaz de esclarecer e evidenciar os significados e relações dos sintomas que se mostravam a partir deles mesmos. Além disso, Binswanger identificou que a psiquiatria da sua época estava escassa de bases sólidas e muito enraizada por uma compreensão dos sintomas e da própria psicopatologia, na qual a divisão sujeito e objeto era predominante e, portanto, trazia danos para a compreensão dos fenômenos que ali desvelavam-se. Desta forma, Binswanger também desejou suprimir essa divisão sujeito-objeto que era dominante no pensamento psiquiátrico através das descrições de diversos casos de esquizofrenia. Após alguns enganos cometidos, os quais geraram discordâncias com Heidegger, Binswanger intitula seus estudos como “fenomenologia antropológica”.

Estimulado pelos trabalhos de Binswanger e revelando um descontentamento com a psiquiatria tradicional da época, o psiquiatra e psicoterapeuta suíço Medard Boss (1903-1990) voltou-se para o pensamento de Martin Heidegger para buscar uma compreensão voltada para a terapêutica, diferentemente de Binswanger que foi impulsionado a penetrar no pensamento de Heideggeriano através de uma compreensão científica. Desta forma, ainda segundo Boss (1976), o termo “*Daseinsanalyse*” é resgatado por Boss como uma nova abordagem clínica (fenomenológica-existencial) que procurou compreender o conjunto de fenômenos que dizem respeito a condição sadia e patológica do existir humano, fenômenos estes que se mostram a partir de si-mesmos e não por uma ótica científica que foi ficando cada vez mais predominante nas ciências médicas e psicológicas.

A Daseinsanalyse de Boss permite uma compreensão dos diferentes modos do ser-aí e se mostra muito importante na prática terapêutica. Permite um trabalho reflexivo e meditativo dos modos autênticos do ser-aí no mundo afinados pelas tonalidades afetivas que se desvelam no seu discurso, compreensões de mundo e muitas vezes nos sonhos. Segundo Boss (1976):

Estes fundamentam-se sobretudo no respeito incondicional ao caráter próprio dos fenômenos do existir humano que se mostram, no aceitar e tomar a sério aquilo que são enquanto tais. (p. 33 e 34)

A abordagem ou método de investigação daseinsanalítico da qual trataremos nesse capítulo, iniciada por Binswanger e posteriormente por Medard Boss, segundo Boss (2), terá o foco de buscar a compreensão dos fenômenos aqui usados como exemplos, a fim de trazer para o olhar da psicologia clínica através da fenomenologia existencial de Martin Heidegger uma compreensão profunda, na qual o terapeuta deve ter como postura reflexiva e meditativa em um ambiente terapêutico. Desta forma, os exemplos a seguir ajudam a pensar sobre o fenômeno estudado do tédio e ainda ajudar a se pensar sobre a importância do tédio como tonalidade afetiva contemporânea e que deve ter um cuidado do psicólogo quando se revela no discurso do paciente e até mesmo através das suas expressões e emoções.

A importância de uma postura reflexiva e meditativa na qual a Daseinsanalyse resgata é também deixar que os fenômenos se desvelem no *setting* terapêutico da sua maneira mais autêntica e, portanto, que evidencie a necessidade que temos hoje de superar a supremacia da imposição da técnica sobre as ciências humanas e, assim, buscar uma relação e uma compreensão mais livre dessa ótica de enxergar os fenômenos. Olhar para tais fenômenos também como eles se desvelam no mundo atravessados pelas tramas significativas sedimentadas de mundo e pelas tonalidades afetivas fundamentais, como o tédio é o trabalho que deve ser resgatado através da Daseinsanalyse.

Os três primeiros exemplos a seguir foram retirados do artigo escrito por Spanoudis (1976) e darão suporte à futura compreensão daseinsanalítica de fenômenos afinados ao tédio e referentes ao mundo técnico no qual vivemos. Os exemplos também ajudam a pensar nos diversos modos no qual o tédio pode se apresentar, através do sonho, discurso, entre outras possibilidades que se desvelam no espaço de terapia. As tonalidades afetivas, o tédio, já se desvelam através de uma compreensão do ser-aí sobre si-mesmo, uma vez que o Dasein é sempre ser-no-mundo, disposição e compreensão.

Uma pessoa em um encontro psicoterápico relatou o seguinte sonho:

“Encontrei-me com várias pessoas em frente de um grande objeto semelhante a um escorregador. Uma depois da outra subia e escorregava como se fosse um ritual, como se cumprisse uma obrigação ou praticasse um ato de rotina. Quem comandava todo este jogo era minha mãe”.

“A pergunta: “O que lhe ocorre? O que vivencia este sonho?”

“O paciente responde: “É exatamente como minha vida, monótona, tediosa, mecanizada, tudo feito sem ânimo.”

“O fator mãe neste sonho, apesar da sua óbvia importância, não entra aqui em nossas considerações.” (p. 48 e 49)

Relato de um outro paciente:

“Sinto-me vazio, parado, parece que tudo é forçado.” (p. 49)

Falando sobre drogas um outro paciente disse:

“Eu e meus amigos tomamos drogas para fugir do vazio que sentimos, para nos livrar da monotonia ou do desgosto de viver”. (p. 49)

Essas poucas indicações, fragmentos de relatos clínicos, mostram como a disposição afetiva desses pacientes se apresentam através do discurso, cujas relações tanto no mundo onírico como na experiência cotidiana, registram esse enfado, esse modo repetitivo e monótono de relação com as coisas, com o real – representam onticamente o tédio. Repetitivo ou forçado, forçado não por alguém especificamente, mas por si mesmo, faz tudo por obrigação, sem o vigor de uma motivação própria.

A disposição afetiva do tédio expressa-se junto das coisas, com os outros e até consigo mesmo, muitas vezes observamos relatos de pessoas que se entediam consigo mesmo, mostram-se cansados sem qualquer motivação própria. Esse modo de ser e de habitar o mundo refere-se certamente aos modos cristalizados e inautênticos de se estar no mundo, um modo de viver alienado de si mesmo, de empenhos que pudessem cuidar do vigor de uma relação significativa a com a vida.

Refletimos durante esse trabalho a respeito dos empenhos metafísicos, ligados ao controle e domínio dos entes e a perda das relações com aquilo que escapa dos nossos domínios. Saber esperar pelo inesperado, poder contemplar o extraordinário no ordinário, dilui-se nestas relações de controle e domínio do real. Se essas relações de domínio e controle se esgotam, o que resta? O pensamento que calcula deveria se voltar para um outro modo de pensar que reflete não mais em favor do controle, mas sim da aproximação do sentido de nossas relações com as coisas e com os outros.

A presença das drogas conforme consta em um dos relatos, na maioria das vezes, pode exprimir a presença, o uso dessas substâncias afinadas com o tédio – preenchendo o vazio da existência. Não é sem propósito que as drogas ocupam um lugar predominante na nossa época atual, embora as drogas sempre estiveram presente. As drogas, podem

muitas vezes, ocupar um lugar para diminuir esse vazio, um sofrimento intenso, no qual está sendo difícil de ser elaborado, compreendido e, principalmente, sentido. Muitas drogas fazem a função de anestesiar o sofrimento, o vazio, o tédio, retirando o ser-aí dessa dor e do ter que lidar com suas questões. Além disso, a droga pode ser o único prazer do ser-aí dentro de uma vida na qual o sofrimento e a vulnerabilidade ocupam muito essa existência. A droga está no mundo histórico e juntamente com os outros, ou seja, ela também é travessada por tramas significativas de um mundo técnico que não enxerga o sofrimento, mas que impõe a exteriorização da felicidade e do prazer constante. A droga, assim como o consumo, outros vícios, são modos de cuidar da existência e de apaziguar o sofrimento desse mundo da técnica. A técnica vem com a falsa promessa de acabar com a vulnerabilidade e o sofrimento – auto-ilusão, uma vez que a existência humana é dada pela sua condição ontológica de nadidade - transformando a experiência em uma valorização pelas coisas, pela mensuração e controle e dando uma ilusão de segurança.

Num outro caso clínico apresentado por Medard Boss (1903-1990) num artigo publicado em 2011 – **‘Tratamento de uma neurose do tédio: um olhar daseinsanalítico’**, diz o autor:

“O paciente era um médico de trinta e dois anos, de uma família de classe média, solteiro e sem laços religiosos específicos. Em toda sua vida, até onde podia se lembrar, sentia-se perseguido por sentimentos de culpa severos e persistentes, que tinham feito de sua existência uma sucessão de atos autodestrutivos e autopunitivos. Entre os vinte e cinco e os vinte e oito anos de idade, tinha seguido uma análise de quatrocentas e vinte horas de duração, conduzida pelo terapeuta nos moldes da teoria freudiana. Suas associações livres e sonhos levaram-no, no decorrer de sua primeira terapia, à firme convicção de que sofria de um fone complexo de Édipo e de castração. Frequentemente tinha sonhos eróticos com uma figura materna, várias vezes com sua mãe real. Estes sonhos eram seguidos por punições advindas de uma figura paterna onírica que visava à completa e violenta destruição de símbolos fálicos. Nem o paciente, nem o analista podiam negar que suas ações autodestrutivas procuravam, na verdade, apaziguar seu sentimento de culpa e sua angústia de castração. Entre a multiplicidade de possíveis símbolos fálicos, a escolha recaía cada vez mais em torres de igrejas, principalmente as de estilo gótico. Cada vez, por exemplo, o sonhador se encontrava no andar térreo de uma torre gótica quando um velho, que tinha as feições inconfundíveis de seu antigo professor de

anatomia, atacou a base da torre com um imenso instrumento cortante, parecido com uma faca, procurando assim demoli-la e soterrar o sonhador entre as ruínas. O instrumento parecia-se, embora em dimensões bem maiores, com o bisturi de dissecação que ele havia utilizado no primeiro semestre de seu curso de medicina.” (p. 85 e 86)

Os exemplos citados acima são manifestações ônticas referentes ao ser-no-mundo de diferentes pacientes, e que através da Daseinsanalyse foi possível buscar um desvelamento dos diversos sentidos e significados do que manifestado. Os três primeiros exemplos retirados do artigo *Neurose do tédio* escrito por Spanoudis (1976) trazem o desvelar dos sentidos sedimentados de um mundo técnico onde o tédio aparece fortemente, expressando tramas de objetividade, certo controle da vida, monotonia, vazio, desgosto de viver, entre outras.

O tédio aparece como afinação e humor de um mundo técnico, no qual pode aparecer também como sintoma, e, portanto, alterar a percepção do espaço, mas principalmente do tempo, tanto de um tempo *cronos* (cronológico) como de um tempo *Kairós* (tempo da experiência e do vivido). Desta forma, os três primeiros exemplos podem desvelar manifestações do ser-no-mundo dos pacientes relatados, através de uma vida e uma existência atravessada por tramas sedimentadas de um mundo técnico, nas quais levam o ser-aí a viver uma vida mecanizada, muitas vezes vazia, que busca um constante controle e objetivação dos modos de viver. A objetivação, mecanização e controle da vida e, portanto da existência, não permite a proximidade da experiência com as coisas e com os outros, uma vez que esse modo imposto de viver a vida não contempla o sentido mais autêntico da experiência e do vivido, mas aniquila as coisas nas suas possibilidades de reunir céu, terra, divinos e mortais. Além disso, nos distancia da *poiésis*, empobrece o mundo, as relações com os outros e os entes se tornam fluidas, vazias, paradas e dão “desgosto de viver”, refletem o tédio.

O discurso dos pacientes citados acima através de Spanoudis (1976), desvelam o mundo atravessado pela era da técnica que é dado também pelas tramas da avidez de novidades, do capitalismo imperativo, de um preenchimento incessante do vazio, no qual nega o vazio, o tédio, como diz Spanoudis (1976) em “Por que é que hoje em dia estas manifestações reveladoras do tédio e as consequentes necessidades de compensação por atividades sensacionais, “stress contínuo, fuga nas drogas, protestos violentos (...)” (p. 49). Tais afinações possuem extrema importância pois são possibilitadoras e reveladoras

do que está afetando o ser-aí, um vazio e um tédio que também pede um voltar para si mesmo através da reflexão.

O desgosto de viver e o empobrecimento da existência no qual a técnica produz é uma forma de estreitamento, evasão/fuga do ser-aí de ser si mesmo próprio. Através da Daseinsanalyse é possível entrar em contato com a disposição afetiva do tédio, a fim de resgatar tais possibilidades existenciais mais autênticas e que não seguem o impessoal. Os discursos citados através de Spanoudis (1976) aparecem como uma denúncia das tramas sedimentadas do mundo técnico e que afinam o ser-aí ao tédio e aos desdobramentos de um modo de viver atravessado pela falta de sentido na experiência no mundo. Se sentir afinado ao tédio é também uma denúncia e uma manifestação de uma ruptura com o não surpreendente e com esse modo de viver que busca o incessante controle, garantia, mecanização da vida, resultante de um vazio e de um tédio característico da era da técnica. O fazer sem pensar e, na maioria das vezes, o escolher, não autêntico, o “nós” - impessoal - leva a um sofrimento que é contemporâneo, afasta o ser-aí de relações de intimidade, de um maior aprofundamento no vivido e de relações mais próprias do ser-aí. Há um esvaziamento de sentidos.

Além disso, dentro de um mundo atravessado pelo Capitalismo é possível também observar que o produtivismo engendrado pelas exigências contemporâneas “o ter que fazer” - objetividade - para cumprir as metas em todos níveis, como o produtivismo acadêmico e nas corporações, entre tantos outros modos de ser, fazem com que o ser-aí se distancie de modos de ser que mais propriamente lhes concerne para atender essas demandas do mercado, das exigências eficientes, etc. Não é sem propósito que muitos jovens competentes nas suas áreas de trabalho procuram precocemente ganhar vultosas somas financeiras para conquistarem a liberdade de poder deixar-se, ou seja, agir mais de acordo com seus reais interesses e desafios. Um outro ponto é que o homem inscrito nesta modernidade do mundo da ciência e da técnica moderna deixa de ver “coisas”, na perspectiva de que as coisas nos remetem à diferentes envios do ser do ente, por exemplo, para a poiésis, para as artes e até mesmo para as relações íntimas e afetivas que se encontram associadas às coisas, ou de certa forma passageiras e sem profundidade. Os entes que passam a ser apenas objetos descartáveis, produtos transacionáveis são em alguns casos e na maioria das vezes, fetiches de consumo para exibição do poder (status) ou elas são de uma relação fluida, portanto sem registro afetivo, sem memória – tédio.

O mundo da técnica atravessado pelo Capitalismo carrega tramas sedimentadas de um consumo incessante, uma avidez por novidades, nas quais e na maioria das vezes,

pode levar o ser-aí a uma sensação de preenchimento de um vazio, porém que o ilude, uma vez que esse vazio e essa nadaidade faz parte da sua ontologia existencial. O mundo é inóspito e por sermos ontologicamente dados a uma condição de nadaidade ou vazio é que precisamos cuidar do nosso ser, das nossas escolhas, da nossa existência. A técnica e o capitalismo tentam ocupar esse lugar de preenchimento desse vazio através do consumo, auto-iludindo o ser-aí e que também afasta o Dasein do tédio e da angústia que ele sente exatamente. Se torna uma relação contraditória, pois o tédio e a angústia que o Dasein sente é uma forma de denúncia através do discurso de tais tramas sedimentadas de um mundo técnico, mas que ao mesmo tempo tentam afastá-lo de uma reflexão e de um voltar para si.

O consumo e a avidez por novidades não se limita apenas a aquisição de materiais no qual o ser-aí busca, mas a um modo de ser no mundo, ou seja, se torna a base da relação do Dasein com o mundo, com os outros e com as coisas e principalmente consigo próprio - o aparecimento do tédio denuncia uma relação consigo própria de vazio de sentidos e da experiência. Hoje tudo pode ser aproveitado rapidamente e logo ser descartado, a procura de algo mais interessante e atrativo, na lógica do pensamento “quanto mais melhor”, ou seja, da produtividade, funcionalidade e utilidade. Como Giberti (2018) diz: “Por meio do saber técnico-científico, há a intenção de prever e controlar todos os fenômenos, e torna, inclusive o próprio Dasein objeto de inferência e tentativa de dominação” (p.25).

Giberti (2018) ainda cita Casanova em:

Nesse mundo em que a produtividade tem que ser rápida e eficaz para obtenção de riquezas; em um contexto no qual as técnicas estão em incessante movimentação e aprimoramento devido à sede por novidades; em um cotidiano em que o homem se ocupa sem parar e está sempre direcionado para o momento seguinte, o tédio se instaura e se configura como disposição afetiva fundamental contemporânea, pois facilmente se perde a articulação com o sentido das ações. (Casanova, 2006, apud Giberti, p.26)

Desta forma, o tédio distancia o Dasein de si mesmo, pois toma para si o movimento automático e do impessoal atravessado pela técnica e não reflete sobre tal modo de viver e sobre suas possibilidades. Na tentativa do ser-aí escapar do tédio e da angústia, ele busca distrações, passatempos e se ocupa incessantemente, convocado pelo consumo, muitas vezes. Seria nesse sentido que a Daseinsanalyse se faz com um papel importante de resgatar uma reflexão para o si mesmo e para as possibilidades existenciais

do ser-aí, e trazer a percepção do tédio e da angústia como afetações do ser-no-mundo e como tonalidades afetivas demarcam o modo de se viver.

O sonho relatado através Boss (2011) revela também através do mundo ôntico do paciente a tonalidade afetiva do tédio através da expressão e descobrimento do mundo, mundo este que é constantemente atravessado pela culpa, angústia e pelo tédio. O paciente através do sonho desvela particulares sentidos e significados do mundo dele e que através do processo analítico e de terapia é possível buscar uma compreensão de si, do seu mundo e principalmente da sua existência. Desta forma, o paciente como um médico no qual vivia em mundo técnico, objetivado, permeado pela tonalidade afetiva da culpa, quando se vê em um processo terapêutico abre as possibilidades para uma compreensão do seu sofrimento, ou seja, deixar-se desvelar os sentidos do seu sonho. Por exemplo, apenas quando o paciente ousou deixar a torre da igreja ser uma torre da igreja, e o homem ser o professor de anatomia, permitindo que ambos se aproximassem dele em seus significados e sentidos genuínos. Desde que o paciente começou seus estudos de medicina, voltados para uma objetividade, cálculo e controle, para um olhar da ciência positivista, ele se fechou e esqueceu-se da sua espiritualidade, esqueceu tanto da sua corporeidade quanto da sua religiosidade. Segundo Boss (2011), o paciente vivia uma negação e um fechamento das possibilidades existenciais, no qual impossibilitava atingir seu verdadeiro si-mesmo. Todos os sentimentos de culpa e angústia são enraizados em uma dívida com sua própria existência e que de alguma forma precisam ser externalizados, seja através de um sintoma, de uma tonalidade afetiva, de um sonho, em qualquer faceta e disfarce.

O empobrecimento da experiência e do vivido, o esvaziamento do sentido da existência na sua forma mais autêntica, na maioria das vezes, leva o ser-aí a sentir-se entediado e vazio, e muitas vezes não se entende o porquê, exatamente por não haver um tempo para reflexão. O resgate do sentido de ser, é levantado por Heidegger em suas obras principalmente em *Ser e Tempo* (1927).

O vivido no mundo contemporâneo ou técnico é dado através do impessoal, onde a experiência é vivida como “nós”. Uma vida alienada através do cálculo e do controle, mecanizada, em que não há tempo para refletir sobre a existência e as possibilidades mais autênticas para o ser-aí. Desta forma, na maioria das vezes, a saída que se revela para o ser-aí são as manobras ônticas que procuram afastá-lo de uma experiência mais própria do seu existir, o distraindo do tempo que entendia, preenchendo o vazio incessantemente e, principalmente, o afastando de entrar em contato com a tonalidade afetiva do tédio que

pode despertar no ser-aí uma profunda reflexão sobre suas possibilidades existenciais.

Como Alice Holzhey- Kunz¹ revela:

Isto significa que nossa atenção é principalmente dirigida para o ôntico, para aquilo que realmente acontece e demanda uma resposta adequada. Isso é exatamente o que Heidegger chama de inautenticidade: não confrontar o nada de nossa existência, mas esquecê-lo enquanto nos preocupamos apenas com o que acontece aqui e agora (p.4).

As manobras ônticas se colocam como formas de afastar a fragilidade e a condição ontológica do Dasein, mas essas formas iludem o ser-aí na ideia de que trazem segurança e controle sob as condições ontológicas do Dasein, como a finitude. Algumas manobras ônticas que podem ser pensadas em relação ao tédio são os passatempos, o consumo incessante induzido pelo Capitalismo, as diversas formas de controle da experiência onde não se pode viver o inesperado, mas ao controle, é necessário ter uma garantia de tudo. Todas essas formas afastam o ser-aí de entrar em contato com a tonalidade afetiva do tédio, e, portanto, não possibilitam um de voltar para si mesmo e buscar uma reflexão sobre a o vivido desse Dasein que é afetado pelo tédio. Alice Holzhey- Kunz diz: “Lutar com a ameaça ontológica tem o propósito de afastá-la, de derrotar a fragilidade humana. Sabemos que isso não pode ter sucesso, porque manobras ônticas não podem mudar a condição humana” (p. 5).

O Dasein vive em um mundo atravessado pela trama significativa do Capitalismo, no qual é constantemente exigido a atender as necessidades desse mundo, de forma a ir vivendo como todos vivem - impessoal, “nós”, assim, não havendo tempo para o ócio, para apreciação da experiência e muito menos para uma reflexão. O ser-aí vive tentando preencher um vazio no qual o próprio Capitalismo contribui e impera através do consumo e de uma avidez por novidades, fazendo do ser-aí um auto-iludido, uma vez que esse vazio é dado como parte existencial e ontológica do ser-aí, nunca será preenchido. A condição ontológica de nada é motivadora e motriz para a existência. Desta forma, o mundo técnico atravessado pelo capitalismo e por tais tramas sedimentadas levam o ser-aí a viver uma experiência que passa a não ter sentido, pois tudo deve ser vivido intensamente e de forma rápida, fluida, não há tempo para voltar-se para o vivido, a experiência, muito menos para o inesperado, tudo deve ser controlado,

¹ Alice Holzhey-Kunz é autora do texto “O que define o processo Daseinsanalítico?”, utilizado neste trabalho utilizado a partir de tradução informal, não publicada, feita do original em inglês pela autora Bilê Tatit Sapienza. O texto faz parte do conteúdo programático do núcleo de fenomenologia do 5º ano da faculdade de psicologia da PUC-SP.

calculado e mecanizado. Desta forma, a experiência esvazia-se, pois não há sentido que a sustente.

Outra condição a ser observada é o fato de que a essência da técnica moderna se realiza como provocação. É interessante observarmos que a palavra “provocação” – vb. provocar é um verbo bitransitivo que significa: estimular; incitar alguém a fazer alguma coisa; ocasionar. Realiza-se assim o sentido oposto à liberdade de deixar ser o ente, tal como foi entendido pela *téchne* grega. A compreensão da essência da técnica moderna como provocação realiza-se mediante a presença do homem como sujeito, empoderado na condição daquele que exige, desafia, se impõe frente ao real. É diante desse modo de ser e de habitar o mundo que não há lugar para uma atitude contemplativa, receptiva e, sim uma tiranização do real. Nesse horizonte de relações com o real o ser-aí não se abre para a espera do inesperado, mas para a espera do já esperado – tédio, um controle do ente, da experiência e expresso no projeto metafísico de compreensão do ‘ser’. Não há mais surpresas, mistérios. O esperado é que a natureza e os homens forneçam apenas produtos e ações eficientes. Tal descrição dada acima é evidente nos dois exemplos retirados do artigo escrito por Spanoudis (1976) e que aparecem no discurso dos pacientes como formas de monotonia, mecanização, vazio, e ato de rotina.

Poder entrar em contato com a tonalidade afetiva do tédio, assim como na angústia, é um trabalho reflexivo que se busca na *Daseinsanalyse*. Os exemplos citados acima demonstram as tramas sedimentadas do mundo técnico através do discurso que se denunciam palavras como: ato de rotina, monotonia, alienação, mecanizada, vazio, desgosto de viver. O discurso expressa e desvela o ser-no-mundo, assim como a tonalidade afetiva o qual o afina - o tédio. A *Daseinsanalyse* é trabalho um hermenêutico e compreensivo realizado através do discurso, como na fala de um sonho, do vivido pelo paciente, como nos exemplos citados acima. A importância da *Daseinsanalyse* é o resgate de um trabalho meditativo e reflexivo sobre o sentido de ser, sentidos mais autênticos e possibilitadoras para o ser-aí. Através da interpretação do sonho, do discurso, desvelam-se também as tonalidades afetivas fundamentais como a angústia e o tédio, entre outras.

O discurso se coloca a favor do desvelar do mundo ôntico dos pacientes, do modo como o ser-aí vive e é afinado ao humor ou a tonalidade afetiva fundamental que se expressa através do discurso, que também é possibilitado através do trabalho hermenêutico em um revelar e desvelar do vivido pelo ser-aí na sua experiência mais íntima com o mundo, com o outro. Através do questionamento que o terapeuta faz ao

paciente surgem as reflexões que resgatam um voltar para si mesmo e de buscar possibilidades mais autênticas de se viver.

Por que a existência e o vivido se desvelam como tédio, estagnação, vazio, desgosto de viver? Os questionamentos feitos no trabalho analítico da Daseinsanalyse levam para um sentido do ser e um voltar para si mesmo. Como diz Alice Holzhey-Kunz: “(...) a Daseinsanalyse é uma terapia analítica só por ser hermenêutica” (p. 1).

A Daseinsanalyse como uma terapia analítica e hermenêutica possibilita o voltar para si, para o sentido de ser. A busca pelo sentido de ser foi perdido no mundo técnico com suas tramas sedimentadas que buscam uma mecanização, avidez de novidades, consumo, alienação, controle e vazio da experiência e do vivido. O tédio como humor e tonalidade afetiva denuncia essa era da técnica e por isso se coloca como extrema importância um trabalho reflexivo e meditativo presente na Daseinsanalyse de forma a contemplar e pensar sobre essa afinação ao tédio que desvela o modo de ser-no-mundo e volta para o vivido. Como Spanoudis (1976) cita:

Somente se conseguir se libertar da massificação e da alienação, encontrando-se a si mesmo, é que o ser humano poderá mobilizar afeto, encontrar num relacionamento autêntico de EU, TU e NÓS e se tornar capaz de propor-se algo. No decorrer da psicoterapia tentamos penetrar nas manifestações do tédio e de outras neuroses, através da “intimidade compreensível” (...). Conseguir a autenticidade esclarecida da própria existência humana, eis o que se tenta no encontro psicoterápico (p. 52).

O capítulo presente se propõe apresentar através dos exemplos dados manifestações ônticas expressas no discurso dos pacientes. O discurso revela o ser-no-mundo e como o vivido de cada ser-aí é atravessado pelas tramas significativas de um mundo técnico que afina o Dasein a tonalidade afetiva do tédio, como uma disposição afetiva muito presente e característica da era da técnica. O Dasein se vê em um mundo inóspito que também é contido nas tramas do impessoal e no qual, na maioria das vezes, o afasta de relações mais autênticas com si mesmo e com suas possibilidades existenciais. Para tal, a Daseinsanalyse se coloca como uma forma de terapia analítica, compreensiva e hermenêutica que busca voltar para si mesmo, para o sentido de ser mais autêntico de ser vivido. No processo terapêutico, o deixar-se sentir e despertar pelo tédio é buscar compreender a existência particular de cada Dasein, permitir desvelar o significado e o sentido das relações do Dasein com o mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O compromisso pelo estudo do fenômeno do tédio na Era da técnica visou resgatar a importância de uma tonalidade afetiva cada vez mais presente no mundo contemporâneo e suas possíveis implicações. Desta forma, o estudo bibliográfico da disposição afetiva do tédio na nossa época atual - “Época da técnica planetária” e sua relação com as práticas clínicas, no caso da Daseinsanalyse, foram desafiadores e de muito conhecimento e reflexão sobre o mundo atual, seus desdobramentos nas diversas formas do sofrimento contemporâneo e modos de pensar sobre, como a partir do olhar da Daseinsanalyse.

Através do estudo sobre a Era da técnica e como ‘ser’ foi sendo interpretado ao longo da história da filosofia, pode dar base para a compreensão de como hoje a experiência, a existência e até mesmo as tramas de sentido, que atravessam esse mundo da técnica. Não é à toa que hoje vivemos e, na maioria das vezes, compreendemos a experiência e a existência através de uma ótica positivista, calculante, do controle e segurança do ser. O estudo mais filosófico que foi feito no capítulo I se colocou na tarefa de desconstruir o pensamento metafísico através de uma análise e meditação de como ‘Ser’ foi sendo interpretado ao longo da história do pensamento ocidental ou a história do seu esquecimento e que ajudaram a entender o que Heidegger nomeou como Técnica Planetária e seus desdobramentos como o tédio, tonalidade afetiva fundamental que denuncia os modos no quais vivemos hoje.

Precisamos nos voltar para um olhar atento e para uma postura reflexiva sobre o uso das técnicas, de teorias científicas e de referências distantes, e os seus impactos na compreensão da existência, e dos fenômenos que são representativos e desvelam a técnica, como o tédio. A Daseinsanalyse busca esse resgate e esse desvelamento, como diz Svendsen (2006): “Despertamos assustados quando deixamos o tédio ser despertado em nós” (p.142). Mesmo que assustados é importante esse trabalho que a Daseinsanalyse resgata do despertar das tonalidades afetivas, pois é através delas que muitas vezes o horizonte de possibilidades se abre para o ser-aí. Estudar as implicações de abordagens que estão indo para o caminho das técnicas e que se utilizam de tais para a compreensão dos fenômenos existenciais e do sofrimento, além do que elas prometem e se

fundamentam, é algo que se coloca também como importante para a futuros estudos da Psicologia e suas implicações na clínica e na compreensão do sofrimento humano.

Com essa mensagem, esperamos que o trabalho aqui concluído inspire mais produções neste sentido.

Referências Bibliográficas

BOSS, M.& Condrau, J. Análise existencial – Daseinsanalyse: como a Daseinsanalyse entrou na psiquiatria. Revista *Daseinsanalyse*, 2, p.5-23. 1976.

BOSS. Medard. Tratamento de uma neurose do tédio: um olhar Daseinsanalítico. Revista *Daseinsanalyse*, 15 e 16, p. 85 -97. 2011.

CASANOVA, Marco Antônio. *Nada a caminho: Impessoalidade, niilismo e técnica na obra de Martin Heidegger*. São Paulo: Forense Universitária., 2006

CRITELLI, M. D. *Analítica do sentido*. Uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica. São Paulo: EDUC / Brasiliense. 2006.

DUARTE, Irene Borges. *Arte e técnica em Heidegger*. Lisboa: Documenta - O sistema Solar. CRL. Revisão de Antônio D´Andrade. Capítulo 7: A Tese de Heidegger acerca da técnica, Anuales del Seminario de História de la filosofia (Madrid), 10 (1993), 163 -207. Setembro, 2014.

GIACOIA, Oswaldo Junior. *Heidegger Urgente: introdução a um novo pensar*. 1º ed. São Paulo: Três Estrelas, 2013.

GIBERTI, Gabriela Machado. *A única certeza da morte é a vida: investigação fenomenológica sobre idosos que se preparam para a morte*. 2018. P. 12-180. Tese de mestrado - Universidade de São Paulo: Instituto de psicologia. São Paulo.

HOLZHEY- KUNZ. A. *What defines the daseinsanalytic process?* – *Journal for the society of existential analysis*. Vol.8.1.1996. Traduzido por Bilê Tatit Sapienza da Associação Brasileira de Daseinsanalyse em 2002 – texto não publicado no Brasil.
<http://www.equilibria.me.uk/Training/2011/Heidegger%20and%20Psychotherapy%20Cohn%20&%20duPloc%20EA8%201.pdf>.

HEIDEGGER, Martin. *Os conceitos fundamentais da metafísica: Mundo, finitude e solidão*. 2ºed. Tradução de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

MICHELAZZO, José Carlos. Daseinsanalyse e “Doença” do mundo. *Daseinsanalyse - Associação Brasileira de Daseinsanalyse*. São Paulo, v. 10, p .47- 71, 2001.

SPANOUDIS, Sólon. Neurose do Tédio. Revista *Daseinsanalyse*, 2, São Paulo: Associação Brasileira de Daseinsanalyse, p. 47-52. 1976.

SVENDSEN, Lars. Filosofia do tédio. tradução, Maria Luiza X. de A. Borges.
–Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006